

India e Sri Lanka

Fui descendo de comboio até ao estado de Orissa. Fiquei numa pequena vila junto à costa chamada Puri. Agora que descia em direcção ao sul, a temperatura aumentava. Os templos mudavam de arquitectura, havia palmeiras, pessoas a vender sumos naturais na rua, o clima era mais relaxado e a água do mar era quente e azul. Em Bhudaneshwar a cidade templo, que não ficava muito longe de Puri, vi maravilhosos templos do século XII. A sua grandiosidade deixava-me de boca aberta, enormes esculturas erguiam-se aos céus. Colunas gigantescas, com detalhadas gravuras, mostravam a vida de deuses e deusas. Esse templo era guardado e cuidado pela mesma família, durante esses doze séculos. Infelizmente, a parte mais importante do templo, estava fechada a não hindus. Mas em konarka, o templo do sol, pode desfrutar de toda a sua beleza.

Um dia, quando andava pela praia, um pescador veio ter ao meu encontro e perguntou - Gostas de peixe e marisco?

Os meus olhos arregalaram-se. Já há quase dois meses que andava a comer comida vegetariana. Só a ideia de peixe e marisco fazia com que caísse saliva do canto da minha boca. Havia restaurantes a vender peixe e marisco, mas com o pouco dinheiro que tinha, comia comida vegetariana a sonhar com o marisco. Depois de algum tempo discutindo os preços, acordámos que por 2 euros e meio, comeria uma pequena lagosta, dois peixes imperiais, 2 camarões tigre e seis sapateiras pequeninas mas gostosas. Tudo feito em sua casa e preparado pela sua mulher. Foram as melhores refeições da minha viagem. Apesar do mar quente, das praias de areia branca, da comida e do ambiente ser muito mais descontraído, o meu coração afundava-se em tristeza. Tudo aquilo parecia não ter sabor, por não ter a mulher que amava ao meu lado. Sempre que telefonava, o tempo era escasso, para dizer tudo o que vivia dentro de mim. Havia tanta coisa por dizer que no final acabava por não dizer nada. Em cada telefonema, sentia que estávamos mais longe um do outro, mais que a distância em quilómetros. Toda a minha vida tinha pedido a cada estrela cadente para ser feliz. Apenas e só, ser feliz. Agora o destino tinha-me dado dois caminhos e eu só podia escolher um. Eu sempre tinha escolhido a via do coração, qualquer que fosse a sua vontade, eu seguia-o. No entanto o meu coração estava dividido. Essa dor no estômago, essa bola na garganta, esse olhar gelado num horizonte vago, dizia-me isso mesmo. Era no decorrer das viagens de comboio ou de camioneta que me sentia mais em paz. Olhando pela janela, via o mundo passar, a minha mente entretinha-se com o que via, deixando o meu coração descansar. Mais que nunca andava à deriva, olhava para o mapa, sentia vontade de ir a algum sítio e partia. Assim cheguei a Chennai, onde passei o natal. Onde mais uma vez admirei os templos de Mahapuram e Kachipuram esses do século III. Continuando a seguir o coração decidi ir até um pequeno ponto no mapa, chamado Pichavaram. Ficava no meio da selva, por algum motivo que eu desconhecia, queria ir até lá. Apanhei cinco camionetas, compartilhei comida com um senhor idoso, falei com estudantes, ajudei velhinhas a subir e descer da camioneta, outras ainda a pôr as malas. Com uma enorme alegria, via o mundo a passar por detrás de uma janela, sem saber qual seria o meu destino.

- Última paragem, disse o motorista olhando para trás, para o seu único passageiro.

- Aqui? – Perguntei com cara de parvo.

Além de uma construção de cimento, que era a paragem, não havia mais nada. Nada, sem ser selva, chovia torrencialmente e era quase noite. Antes que o autocarro que me trouxera partisse, perguntei ao motorista.

- Há aqui algum sítio para dormir ou comer? Algum outro autocarro, para qualquer outro destino?

O homem encolheu os ombros, abanou a cabeça e partiu. Depois de uma hora, lá ao fundo, por entre as árvores vi umas luzes. Para ser mais exacto uma. Era o autocarro mais velho, sujo e destruído que tinha visto até aquele dia. Não havia uma só pessoa lá dentro há excepção do motorista. Rachados, mas no local, estavam os vidros da frente, todos os outros ou estavam partidos ou simplesmente não estavam lá. O pára-brisas não existia. Os bancos, há excepção de 5, estavam partidos ou não estavam. Os que estavam lá, estavam cobertos de lama, como de resto, todo o autocarro. No tecto havia aranhas, que certamente, a National Geographic mostraria nos seus documentários. Sentei-me sem sequer perguntar para onde ia, tudo seria melhor que passar a noite numa paragem, que parecia chover mais lá dentro, que fora.

Madurai, um dos poucos sítios que tinha planeado conhecer na Índia. Tinha visto muitos documentários e lido muito, acerca desse local. Fascinava-me os seus templos, os pormenores das esculturas e a sua história.

Os templos de Meenakshi Amman com os seus trinta e cinco milhões de divindades são sem dúvida um mundo aparte. A cidade foi criada à 2.500 anos, mas foram entre os séculos XV e XVI, que o santuário se tornaria num extraordinário complexo de templos. Quem vem aqui, não procura um sítio calmo, já que cerca de 100.000 pessoas passam por aqui todos os dias. Os altifalantes difundem cântigos num volume quase ensurdecedor, como é comum na Índia. Nos corredores, além dos vendedores, vêem-se elefantes a abençoar as pessoas, pessoas a dar oferendas aos deuses como se um enorme formigueiro de gentes se tratasse. A torre mais alta tem 49 metros de altura e a extensão do complexo é de 65 000 metros quadrados. No centro, há um lago artificial, onde os crentes lavam os pés e lançam algumas gotas de água sobre a cabeça. Foi nesse mesmo lago, que passei mais tempo. Foi aí talvez, que compreendi a Índia. Havia de olhá-la em si mesmo, na sua diversidade, nos seus contrastes, nos seus extremos, fora do parâmetro da nossa própria cultura. Aprender, o profundo significado, encerrado nos pequenos gestos do seu povo.

Por essa altura já **mestrava** a arte de viajar na Índia. Não interessava quantas vezes eu dizia que não queria ver nenhuma loja ou que não queria comprar nada. Havia sempre algum condutor de uma truk truk que me queria levar as compras. Então em vez de discutir ou ficar chateado passei a usar isso em meu favor. Primeiro, fazia um trato com o motorista, eu ia sem pagar para onde eu quisesse. Em troca, ele levava-me a uma loja, onde ganhava a sua comissão. Dependendo da distância que queria ir, mais era o número de lojas que teria de visitar. Nas lojas via tudo o que me queriam mostrar, bebia o que me ofereciam e depois saía dizendo que voltava mais tarde.

Querida ir até ao Sri Lanka, as passagens custavam cerca de 150\$, mas como sempre, o dinheiro era escasso. Tentei ir de barco, mas ninguém me queria levar, devido há instabilidade que se vivia no país. Os Tamil Tigre controlavam o norte do país, basicamente o país estava dividido em dois. O único pescador que se ofereceu para me levar também disse que:

- Deixo-te a dois quilómetros da costa, vais ter que nadar com a mochila até terra.

Depois, só tens de arranjar maneira de ir até ao sul.

- Mas,..... Ah,.... Não acha que vai ser difícil nadar com a mochila, num sítio com tantas correntes? Para não falar dos tubarões, que por aqui há muitos?
O pescador fez um olhar, como que, ainda não tinha pensado nisso. Eu disse que ia pensar e depois dizia qualquer coisa. Fui directamente à agência de viagens. Para viver o sonho há que estar vivo.

Sri Lanka- Aeroporto de Colombo.

Meti o cartão na caixa Multibanco, recusado, tentei o outro, o mesmo. Fui tentar trocar as rupias, que tinha trazido da Índia, não trocavam rupias. Bonito. A cidade de Colombo estava a 30 quilómetros, onde esperava eu, poder levantar dinheiro. Lá organizei uma “boleia” para me levar. Já com dinheiro no bolso, apanhei uma camioneta para sul, ao longo da costa. Parei num sítio, que viria a saber mais tarde, chamado Hikkaduwa. Um rapaz novo, tinha-me dito na camioneta, que era um bom sítio. Não me tinha enganado, era um sítio excelente. Fiquei numa casa duns locais, que alugavam quartos por 1 euro e meio por noite. Por mais um euro, comia todas as noites o jantar com o resto da família. Os quartos eram grandes, com a casa de banho dentro. A casa ficava junto a um pequeno rio, pelas manhãs enquanto comia, os esquilos desciam das árvores e haviam sempre pássaros ao redor. Sentia-me como um rei, já há muito que não tinha tantas mordomias. A praia ficava a um minuto de distância, com água quente e o mar azul-turquesa. As palmeiras, pareciam beijar a areia branca que não tinha fim. O Sri Lanka estava a ser uma agradável surpresa, as pessoas eram muito simpáticas, mais calmas e menos barulhentas que na Índia. Apesar de ser um país pequeno, tem tudo, desde selva, animais exóticos, cascatas, praias deslumbrantes e uma história sensacional. Fui descendo devagar, pela costa oeste, Unawatuna, Hikkaduwa, Merissa até Galle. Quando me cansava dum sítio partia para outro, sempre desfrutando de toda aquela beleza, que para mim era a maior de todas as riquezas. Debaixo das palmeiras via como o mar era azul, no paraíso em que me encontrava. Mas era aquela, a quem amava, que os meus olhos vasculhavam as praias em busca de a encontrar. Era sempre nela, que os pensamentos começavam e terminavam. Chegava a odiar-me a mim mesmo, por não conseguir pensar noutra coisa. Era nesses momentos, quando estava longe dela, que sabia que ela era o que eu queria, mais que

tudo. Mas quando estava em Portugal, essa mesma dor enchia-me o coração. Por não poder ser livre de seguir os meus sonhos. O meu coração parecia trair-me, dando-me a felicidade de duas maneiras e eu só podia escolher uma. Mas não entendia como podia ser feliz, uma sem a outra. Alguém me falou dum mosteiro, nas montanhas junto a Kandy, a segunda maior cidade do Sri Lanka. Davam lições de yoga e meditação. Eu nunca tinha pensado em fazer nenhuma dessas coisas. Sempre tinha feito desporto, mas na verdade, nem considerava yoga como um desporto. Meditação era algo que sabia muito pouco ou mesmo nada. Vou tentar, disse a mim mesmo, se não gostar sempre posso voltar para as praias. O autocarro parou no meio da estrada, o motorista apontou para o cimo da montanha. Com a mochila às costas, comecei a subir por dentro dos campos de chá. Um pouco antes de chegar ao topo, vi um aglomerado de edifícios de pequenas dimensões. Uma mulher, que estava na porta de um deles, fez um gesto com o braço, para que fosse ao seu encontro.

É para ficar?

-Ah... Sim. Mas não sei por quanto tempo.

-São 3\$, pela comida, lições e dormida. Quando o momento certo chegar e quiseres partir, vem cá pagar por favor. A próxima sessão de meditação vai começar agora, queres vir?

Cerca de 50 pessoas estavam sentadas, numa sala rectangular. Pernas cruzadas, mãos sobre os joelhos. Uma pequena imagem de Buda estava no final dum dos cantos da sala. Sentei-me e pus-me na mesma posição que todos os outros. Passados 30 segundos abri um olho, para ver se tudo estava na mesma, tudo igual, sem novidades. Mais um minuto passou e eu mais uma vez abri os olhos, inclinei-me para a frente para poder ver os outros. Parecia que toda a gente sabia o que fazia, sem ser eu, claro. Depois de uma longa e tortuosa hora e meia, ouvi um barulho dum pequeno sino. Como que saindo de um coma, as pessoas à volta da sala, começaram-se a mexer muito devagar. Com um sorriso subtil, deixaram a sala, sempre em silêncio. Eu nesse momento disse que aquilo não era para mim. As sessões de yoga eram mais o meu estilo, a princípio pensei que aquilo seria fácil. Até era, a comparar com os outros, mas quanto mais fazia mais entendia a sua complexidade. Dum exercício básico podia exercitar músculos que nem sequer sabia que tinha. Descobri que a yoga, não é um desporto como os outros, é um estilo de vida. Um

aperfeiçoamento do nosso corpo e alma, que também a fazer yoga podia meditar. A meditação continuava a ser difícil, não sabia em que tinha de pensar. Pedi para falar com alguém, que me pudesse explicar. Talvez assim pudesse ter aquele sorriso que transmitia calma no final de cada sessão. O fundador daquele local, um dia chamou-me e disse para que o seguisse. Caminhámos por um jardim até chegar a um círculo, onde estavam a fazer de assentos umas grandes pedras. Trepadeiras caíam até ao nível da nossa face, onde pequenas folhas brancas floriam. Tão brancas, como as roupas daquele homem, de barba negra. Com uma voz doce e meiga, explicou-me que meditação era o não pensar. Era deixar a nossa mente descansar, voltar a casa.

- Quando fechamos os olhos, e estamos na posição de lótus, em silêncio, muitos são os pensamentos que vêm há nossa mente. Muitos desses pensamentos são dolorosos, não são? Por isso tentas evitá-los, fechar-lhes a porta, não é?

- Sim, é verdade.

- Eles não se vão embora, irão voltar cada vez maiores mais assustadores, como fantasmas. Tens de lhes abrir a porta, deixar que entrem. Entende esses fantasmas, deixa que sejam teus amigos. Não tens de fugir, tens de entender.

Os dias foram passando, a cada dia que passava mais gostava daquele local. Os horários eram: 4 h 45 às 6 h 00 meditação, chá das 6 h às 6 h 30, das 6 h 30 às 7 h 30 yoga, das 7 h 30 às 8 h 30 pequeno almoço, das 8 h 30 às 9 h 30 meditação livre, das 9 h 30 às 11 h meditação, das 11 h às 12 h livre, às 12 h almoço, seguindo-se um período livre até às 14 h 30. Das 14 h 30 às 16 h meditação, das 16 h às 16 h 30 chá, das 16 h 30 às 17 h 30 yoga, das 17 h 30 às 18 h 30 livre, das 18 h 30 às 19 h 30 cântico de mantras, 20 h snack, 21 h conversa livre com um dos monges. O único tempo do dia que se podia falar era das 16 h às 16 h 30, o resto do dia era passado em silêncio. Nos primeiros dias, usava aquela hora a todo gás mas conforme as semanas foram passando, a vontade de falar desapareceu. Não havia necessidade de palavras, no silêncio encontrava as respostas às minhas perguntas. As horas de meditação já não eram longas e tortuosas, eram um constante estado. Como se fora uma criança descobria o mundo há minha volta, dava comigo a olhar para as formigas, para as pedras, para as flores. Tudo tinha ganho uma enorme importância. Escrevi no meu diário, que era para mim, um companheiro, confidente e a representação da mulher que amava. Tudo ganhou uma enorme

importância de um dia para o outro. Os meus olhos vêem agora, o que antes passava despercebido. O coração bate devagar, para saborear todos os pequenos sentimentos e a minha alma quer abraçar o mundo. Os olhos não suportam o peso das lágrimas, cada vez que tu apareces nos meus pensamentos. Tenho medo, medo de ver mais do que quero, de amar mais que o meu coração possa suportar. Queria num só abraço entranhar-me no teu corpo e num só respiro, beijar a tua alma. Não havia electricidade, não havia água quente, o quarto era um cubículo de 2m por um, a cama um estrado de madeira. A comida era pouca e não se podia falar. Que razão tinha eu para estar ali? Porque, que outros estavam ali há 10 anos? Será que era aquela paz? Depois de quatro semanas, tive de partir de volta à Índia. Foi difícil descer aquela montanha, ainda mais difícil foi ouvir barulho. Falar parecia uma perda de tempo.

De volta à Índia.

Fui subindo em direcção ao norte, em Kochim, vi as redes de pesca quadradas, que os portugueses trouxeram da china. E a famosa igreja que, Vasco da Gama ao princípio estava enterrado. Em Goa banhei-me nas suas águas quentes e caminhei pelas suas praias de areias brancas. Em Bombaim, saí do comboio e sentei-me na estação. Centenas de mendigos buscavam a vida no lixo. Crianças sem braços ou sem pernas mendigavam. Fiquei sentado 7 horas naquele banco, depois parti. Foi em Pushkar, uma pequena vila no deserto do Rajastha, que as minhas forças se esgotaram. Estava a 10 horas de Nova Deli, faltavam 7 dias para ter que voltar a Portugal. Já não queria ver mais nada, passava os dias a pensar no regresso, se havia algo para onde regressar. Sabia que a minha relação estava acabada. Sabia, devido ao tom da sua voz ao telefone, aos escassos e vagos e-mails sem emoção. Andava nas ruas de Pushkar, como um morto vivo. Andava descalço como um mendigo, já que me sentia como um. Não me barbeava e já nem forças para tomar banho tinha. Um homem de uma loja, chamou-me e disse,

- Tens de tomar banho, ergue-te. Os teus olhos não têm brilho parece que estão sem vida. Sabia que tinha razão, tinha de tomar banho, mas na verdade eu já não queria saber.

(Deixa os fantasmas entrarem, deixa que sejam teus amigos, não tens de fugir, tens de entendê-los.) Eu tinha deixado os meus fantasmas entrarem, tinha entendido a sua, que era a minha dor. Tinha entendido que tinha sido eu a escolher o meu próprio caminho.

Que no momento que tinha partido, para viajar, que a minha relação iria acabar. Que no fundo do meu coração, era esse o meu desejo. Mas se assim era, porque sofria eu daquela maneira. No último dia de viagem, dentro do avião, escrevi a última página do meu diário.

O derradeiro e último dia chegou, haviam muitos sonhos ao princípio da viagem. O final não significa que não hajam sonhos, apenas que eles se modificaram. Aprendi muito, não me arrependo de nada do que fiz. A mais importante lição que tirei de tudo isso, é que realmente te amo. Não tenho vergonha de o dizer, no entanto isso não chega para sermos felizes. Se a tua resposta for que já não me amas. Então, terei de partir e mais uma vez começar de novo. Hoje já saberei o que fazer com a minha vida. Poderia escrever que já não te amo, que não sinto nada por ti, dizer que sou forte e não preciso de mulheres para nada. Mas isso seria mentir a mim mesmo. Eu preciso do amor que tu me dás. Quem ler isso deve pensar que sou um merdas rebaixar-me dessa maneira. Talvez seja, mas é o que sinto e os meus sentimentos, não escondo a quem amo. Hoje saberei.